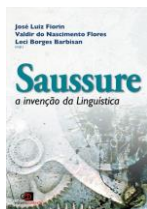


A INVENÇÃO DA LINGUÍSTICA

José Pereira da Silva (UERJ)
pereira@filologia.org.br



FIORIN, José Luiz; BARBISAN, Leci Borges; FLORES, Valdir do Nascimento (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. 176 p.

<http://www.editoracontexto.com.br/lancamentos/saussure-a-invinc-o-da-linguistica.html>

José Luís Fiorin conseguiu reunir, com Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores, uma dúzia de excelentes trabalhos neste volume que homenageia Ferdinand de Saussure como o criador da linguística moderna. Com o intuito de divulgar este excelente trabalho, faz-se aqui uma síntese da apresentação que os organizadores publicaram como pergunta provocativa: “Por que ainda ler Saussure?” (p. 7-20)

Na 4ª capa do livro *Saussure: A Invenção da Linguística*, os editores o apresentam assim aos que pretendem saber o que ele traz:

Ferdinand de Saussure é a figura mais importante da linguística moderna. Por ter estabelecido o objeto da linguística, ele pode ser considerado o criador da ciência da linguagem. Suas ideias revolucionaram esse campo de pensamento e, dada sua importância para a área, tornou-se um clássico. Como tal, permanece essencial para os estudos linguísticos da atualidade.

Tendo isso em vista, os autores reunidos neste livro - grandes especialistas da área e professores de universidades de diferentes regiões do país - oferecem um panorama da pesquisa saussuriana atual no contexto da linguística brasileira. Colocando em discussão o pensamento de Saussure sob diferentes pontos de vista, reveem temas e conceitos estabelecidos por ele, englobando da fala à língua, da diacronia à sincronia, do significante ao significado, além de contemplar outros diversos pontos fundamentais debatidos pelo mestre genebrino. (4ª capa)

Apresentando o trabalho da equipe, Fiorin destaca que o livro “foi escrito por autores brasileiros e, portanto, testemunha a recepção de Saussure no Brasil e proclama sua atualidade para a linguística de nosso país”, lembrando que se trata de um autor que ainda tem muita coisa a nos ensinar, apesar de haver falecido há um século. Por isto, os capítulos organizados pelos autores convidados em homenagem ao mestre, em seu centenário, mostram que o “texto saussuriano ainda aponta caminhos,

abre sendas e veredas, permite descortinar horizontes”. (p. 10)

Sobre “o tratamento das fontes saussurianas na atualidade” fica evidente que, dada a sua complexidade, é impraticável utilizar todas elas para qualquer trabalho científico ou acadêmico. Tal dificuldade já se mostrava aos primeiros organizadores de sua obra, que apareceu em 1916, no volume que o fez conhecido em todo o mundo: o *Curso de Linguística Geral*, preparado por Albert Sechehaye (1870-1946) e Charles Bally (1865-1947). No prefácio dessa obra, eles escreveram que

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, certamente postos à nossa disposição por Mme. de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição! (SAUSSURE, 2013, p. 23-24)

Mais tarde foram surgindo teses e outros trabalhos que descobriram e analisaram muitos outros trabalhos do autor, como *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*, de Robert Godel; em 1967/1968 é publicada uma edição crítica do *Cours de linguistique générale*, por Rudolf Engler, após o reaparecimento dos importantíssimos cadernos de Émile Constantin; em 1971, Jean Starobinski publica *Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*; em 2002 *Écrits de linguistique générale* (já em sua 12ª edição brasileira). Em 1922, Charles Bally e Léopold Gautier publicam o *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Há uma infinidade de cartas, notas e manuscritos publicados nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, além de muitos outros trabalhos publicados no *Bulletin de la Société Linguistique de Paris* e no *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études*.

Enfim, é sempre necessário estabelecer uma seleção do *corpus* de pesquisa, porque sua obra é muito extensa e a qualidade de sua divulgação tem uma enorme variação.

“Neste livro, inúmeros foram os temas tratados e as fontes pesquisadas. Os autores esforçaram-se para dar uma imagem da produtiva pesquisa saussuriana atual no contexto da linguística brasileira”, informam os organizadores. A seguir, faremos uma síntese desses problemas e de sua apresentação na obra, no subcapítulo intitulado “Como está constituído este livro” (p. 17-19):

- a) **Cristina Altman**, “revendo documentos referentes aos três cursos ministrados por Saussure, escolhe como tema de estudo a história do pensamento do mestre” (p. 21-32), destacando a questão do indoeuropeu e da mudança linguística.
- b) **Márcio Alexandre Cruz** “trata da recepção do pensamento do mestre sobre a relação da língua como sistema de signos e a história” (p. 33-44), mostrando que, na língua, tudo é história.
- c) **Eliane Silveira** chega à conclusão, depois de várias análises, “que a fala é centro de preocupação de Saussure, relacionada tanto à língua quanto a outros conceitos” (p. 45-57).
- d) **Hozanete Lima** trata dos “efeitos que o estabelecimento das concepções de *signo* e dos *eixos paradigmático* e *sintagmático* promoveram na construção da ciência linguística” (p. 59-69).
- e) **Valdir do Nascimento Flores** define o método do trabalho linguístico, analisando o conceito de analogia, vinculado ao conhecimento linguístico do falante, concluindo que o linguista parte de sua competência de sujeito falante (p. 71-85).
- f) **Maria Fausta Pereira de Castro** “parte da hipótese de que o tempo altera a língua pelo papel da massa falante e conclui que ele *intervém no discurso do sujeito e na língua*” (p. 87-98).
- g) **José Luiz Fiorin** trata do seu projeto semiológico, no qual trata a Semiologia sob o ponto de vista de Saussure: “o da inseparabilidade entre significante e significado, o da arbitrariedade do signo e o do valor linguístico” (99-111).
- h) **Maria Francisca Lier-De Vitto** demonstra que “falas sintomáticas, objetos de estudo da aquisição da linguagem, podem ser explicadas pelas noções saussurianas de língua, significante, valor e fala (113-134).
- i) **Mônica Nóbrega e Raquel Basílio** se preocupam com a questão do signo linguístico, analisando “a arbitrariedade do signo, a relação com o sistema e com a produção de valores (135-147).
- j) **Carlos Piovezani** interpreta o lugar que análise do discurso de linha francesa atribui aos textos do *Curso de Linguística Geral*, em que Saussure é apresentado como “fundador de discursividade”, apesar de apresentar “lacunas e demasias” (149-161).

- k) Por fim, **Leci Borges Barbisan** tece o seu texto relacionando o signo com o discurso e optando pela solução de orientação semântica, proposta por Oswaldo Ducrot a partir de 1990 (163-170).

Para concluir, não poderíamos deixar de reapresentar ao leitor o convite dos organizadores desta bela obra: “Ao leitor, enfim, deixamos o convite para que, inspirado em Saussure, não deixe de criar pontos de vista sobre a língua”.

Vale a pena ler e refletir sobre as questões aqui abordadas por competentes pesquisadores da especialidade.